

**ENTRE CHILE E BRASIL: MEMÓRIA, DESLOCAMENTO E IDENTIDADE EM O INVENTÁRIO  
DAS COISAS AUSENTES (2014), DE CAROLA SAAVEDRA**

PATRICIA MARIZ DA CRUZ<sup>1</sup>

UFF

**RESUMO**

Dividido em duas partes, o romance *O inventário das coisas ausentes* (2014), de Carola Saavedra, é centrado na relação entre pais e filhos de duas personagens: Nina e o narrador. Em ambos os capítulos, tais relacionamentos encontram-se relatados em diários, mas apenas na história da personagem feminina é possível perceber que, ao longo das gerações, algo inominável e irrecuperável foi perdido, provocando, dessa maneira, um ruído na comunicação familiar e reverberando nos descendentes. A avó materna, ao se mudar de Castela para Santiago, inicia o extravio desse “algo”, o qual está vinculado à perda das tradições espanholas mediante a vivência do trânsito cultural – que também é vivenciado por Nina, ao se mudar do Chile para o Brasil e, posteriormente, para Inglaterra. Assim, ao termos acesso às diversas fases da vida da personagem, desde à infância até a fase adulta, e aos vestígios das memórias dos ancestrais, podemos ver que a alteridade da personagem se constitui pelas experiências vividas e pela história da família. Com isso, entende-se a identidade como um processo histórico, não podendo, portanto, ser definida nem pelo momento nem pelo local do nascimento do indivíduo – ideia que vai ao encontro dos pressupostos de Stuart Hall (2011). A partir disso, este trabalho, por meio da análise da narrativa de Carola Saavedra, reflete acerca da influência da experiência de trânsito cultural e da ancestralidade na construção identitária de Nina, sob a luz de teóricos como Edward Said (2003), Maurice Blanchot (2005), Diana Klinger (2013) e Eurídice Figueiredo (2016).

**Palavras-chave:** Identidade; Ancestralidade; Trânsito cultural; Memória.

**Introdução**

“Não é possível falar do outro sem falar de si mesmo” (SAAVEDRA, 2014, p.46): a afirmativa feita pelo narrador no primeiro capítulo resume o enredo do quarto romance de Carola Saavedra. Publicado em 2014, *O inventário das coisas ausentes* divide-se em duas partes, “Caderno de anotações” e “Ficção<sup>2</sup>”, e se centra na necessidade de compreensão da alteridade de duas protagonistas. O desvelar das histórias permite entender a identidade como construção, formada pelas experiências individuais e pelo passado familiar. No entanto, apenas no primeiro capítulo - através do acompanhamento das fases da vida de Nina, a

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura Comparada pelo Programa de Pós Graduação em Letras da UFF e Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> Centrado no reencontro de pai e filho após mais de duas décadas de afastamento, a segunda parte do romance aborda os ruídos e as incompreensões dessa relação. Na eminência da morte, o genitor deixa dezessete diários para a prole, almejando uma aproximação, já que, ao expor a intimidade, tenta ser compreendido. Três vezes dividem o relato da história: um narrador onisciente e dois narradores personagens, pai e filho.



personagem principal - se pode observar a influência da ancestralidade na constituição identitária e é por esse motivo que este artigo se debruçará somente na história da protagonista feminina. Trânsito cultural, perda de tradições e ruídos na relação entre pais e filhos marcam a trajetória da família e serão analisados neste trabalho.

A vida de Nina se descortina a partir do encontro com o narrador da primeira parte. Os dois se relacionam por algum tempo até que ela sai do Brasil de forma inesperada e deixa dezessete diários, nos quais conta a própria história e a da família. Tais relatos são fragmentários e não a explicam; ao contrário do esperado, não há exposição da intimidade, o que frustra o narrador-personagem. Anos mais tarde, a protagonista o procura a fim de recuperar os cadernos íntimos, pois neles havia algo que acreditava ter perdido. Com o desenrolar do romance compreendemos esse “algo” atrelado ao passado familiar: transmitido às gerações, parece se vincular às falhas na comunicação entre filhos e genitores e à experiência de trânsito cultural, na qual houve a ruptura com as tradições.

Assim, a história de Nina vai ao encontro das teorias de Eurídice Figueiredo (2016) e Zilá Bernd (2018), a respeito da influência da antepassados na alteridade, e de Stuart Hall (2011), acerca da constituição da identidade. Esta é entendida como processo histórico, construída a partir das experiências individuais, da relação com o outro e, como *O inventário das coisas ausentes* demonstra, com o passado familiar. Embora lacunar, a trajetória dos antepassados mostra a repetição de algumas vivências como a do trânsito cultural, a qual transforma completamente o indivíduo. Por meio dessa escrita íntima, a personagem feminina se constrói e faz refletir acerca de temáticas tão atuais, como veremos a seguir.

### **Diário, subjetividade e incomunicabilidade**

Segundo o narrador, os dezessete diários eram compostos por “digressões sem sentido, filosofias baratas, histórias familiares” (SAAVEDRA, 2014, p.26). A princípio, ele não entende a intenção de Nina ao deixá-los, já que não houve aproximação; a protagonista feminina parecia faltar com a sinceridade nos cadernos íntimos. Tal sensação remete aos pressupostos de Maurice Blanchot (2003) acerca do diário; para o francês, ser sincero é uma exigência desse gênero, mas há um limite: não se deve ser transparente demais. A escrita da intimidade precisa de superficialidade, o que garante a veracidade da confissão e serve de ponte para si e para o outro, o futuro leitor<sup>3</sup>. Aprofundar-se, então, não significa ser verdadeiro e por conta

<sup>3</sup> Como abordaremos mais adiante, de acordo com Phillippe Lejeune (2014) a escrita do diário é pensada para a leitura posterior e, conseqüentemente, para um leitor.



disso, apesar de Nina frustrar o desejo do narrador, não se pode afirmar que ela não é sincera em sua escritura.

Outra expectativa da personagem masculina se refere à forma como a protagonista deveria escrever. Para ele, era necessária a exposição da intimidade, porém isso não ocorre. Nina segue um padrão próprio, o que insatisfaz o narrador. Em Blanchot encontramos a explicação para essa discordância: segundo o ensaísta, o diário se constitui como uma escrita livre de formatações e tem apenas o dever de obedecer ao calendário. É variável porque muda conforme o estilo e a conveniência daquele que escreve:

tão livre de forma, tão dócil aos movimentos da vida e capaz de todas as liberdades, já que pensamentos, sonhos, ficções, comentários de si mesmo, acontecimentos importantes, insignificantes, tudo lhe convém, na ordem e na desordem que quiser (BLANCHOT, 2003, p.270).

Dessa forma, a explicação para a frustração do narrador se relaciona ao padrão ao qual acredita que o gênero precisa obedecer. Para ele, o diário deveria adentrar a intimidade de Nina, servindo de instrumento de compreensão. Entretanto, suas expectativas não se realizam e ocorre um ruído na comunicação. Segundo Diana Klinger (2013), tal falha é constante nas narrativas de Saavedra<sup>4</sup>: há sempre a confissão do remetente para um destinatário, alguém que fala ou escreve para outra pessoa e, mesmo diante dessa escrita confessional, algo se perde. Assim, a exposição da intimidade não é o objetivo principal; escreve-se a fim de se atingir o outro:

Alguém se confessa. Em todos os romances de Carola, alguém se confessa (...). E, no entanto, todas essas confissões sempre aparecem de algum modo como falsas (...). A confissão não funciona como normalmente, como forma de expor uma intimidade, mas apenas como estratégia para atingir – afetar – o outro (KLINGER, 2013, p.72-73).

A reflexão de Klinger pode ajudar no entendimento dos propósitos de Nina: a intenção não era a exposição íntima, e sim, atingir o narrador. A leitura dos diários alcançou o objetivo porque, de fato, afetou a personagem masculina, causando-lhe certa repulsa: “(...) eu costumava olhar com desconfiança para eles, me deixavam de mau humor” (SAAVEDRA, 2014, p.26). Catorze anos depois, no reencontro, ainda se percebe como os escritos o afetaram: “(...) por muito tempo tive raiva de você, me pareceu uma desfaçatez aquilo, um desaforo, afinal, de

<sup>4</sup> As histórias de *Toda terça* (2007), *Flores azuis* (2008) e *Paisagem com dromedário* (2010) também contêm personagens que utilizam diferentes meios (como idas ao psicanalista, cartas e gravações) para realizar confissões, porém, à semelhança de *O inventário das coisas ausentes*, tal comunicação não se possibilita devido à existência de ruídos.



onde você tirou que eu teria interesse em ler os teus garranchos, tuas histórias sem pé nem cabeça (...)"(SAAVEDRA, 2014, p. 39). Logo, o rancor não é somente por conta da partida inesperada, mas também devido à frustração da inacessibilidade da intimidade.

Ao voltar a Blanchot, vemos que a escrita do diário também se constitui como modo de entendimento próprio: "Escrevemos para nos lembrar de nós (...). O diário está ligado à estranha convicção de que podemos nos observar e que devemos nos conhecer" (BLANCHOT, 2003, p.275). A afirmativa vai ao encontro das considerações de Phillipe Lejeune (2014) acerca da utilidade do diário. De acordo com o autor, o ato de escrever é semelhante ao de se olhar no espelho e, diante disso, abre-se outra possibilidade em relação à intenção de Nina: a compreensão de si. No papel, a escrita facilita enxergar-se com distanciamento. Tal hipótese se confirma quando a personagem procura o narrador para reaver os escritos:

Quando voltou, decidi me procurar. Por quê?, eu perguntei, logo na nossa primeira conversa, por que esse interesse agora, depois de todos esses anos. É que havia algo sobre mim que você sabia, algo que eu precisava recuperar. Você se refere aos diários, eu perguntei, ela sorriu. Se você se refere aos diários, esqueça (SAAVEDRA, 2014, p.50).

A fala da protagonista confirma os pressupostos de Lejeune. Esse fato se deve porque, segundo o teórico, a escritura do diário visa a leitura posterior, ou seja, escreve-se para um destinatário – geralmente si mesmo. Entretanto, em *O inventário das coisas ausentes*, outras pessoas leem os escritos. Além de Nina e do narrador, o leitor do romance também tem acesso às memórias da personagem feminina, ainda que por meio de outra voz. Para Klinger (2013), nas narrativas de Saavedra, ele se transforma em um terceiro destinatário, lendo algo que não lhe fora destinado e por isso se assemelha a um *voyeur*.

Ainda em relação ao trecho, na fala da personagem feminina podemos compreender a certeza de que o narrador tem o conhecimento de algo necessário para ela. Esse "algo" parece se atrelar à alteridade, compondo a sua formação identitária, e por essa razão a volta para o Brasil aparenta motivar-se pela procura de compreensão própria. Em virtude da constituição do diário, é possível pressupor que esse "algo" relaciona-se ao passado da família. Diante disso, a identidade de Nina se constrói por meio das experiências de vida e das histórias familiares.

## A formação da identidade

Segundo Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2011), a alteridade é um processo histórico, formado ao longo da vida a partir da interação entre o indivíduo e a



sociedade. Na prosa de Saavedra se encontra tal afirmativa: com o descortinar da história, vemos os diferentes períodos da vida de Nina, desde a infância e os momentos partilhados com o pai até a idade madura e a retomada do relacionamento com o narrador.

Esse percurso pelas fases possibilita notar como as experiências de vida a impactaram e transformaram. Embora o narrador afirme que a protagonista continuava com “o mesmo jeito, o mesmo olhar inquisitivo”(SAAVEDRA, 2014, p.39) ao se reencontrarem, dando a entender que, apesar do envelhecimento do corpo, continuava com comportamento igual, páginas à frente percebemos não ser assim. A decisão de terminar o casamento e, posteriormente, de voltar ao Brasil contrasta com a atitude de sua juventude<sup>5</sup>. Tais fatos corroboram para a definição de Hall acerca da identidade; esta, para o teórico, é uma “celebração móvel” (2011, p.13), ou seja, não se define com o nascimento. A alteridade se constrói no decorrer da vida do indivíduo e se transforma de acordo com as situações e experiências subjetivas.

Nesse sentido, infere-se que a vivência mais significativa de Nina parece se relacionar à partida para a Inglaterra, onde experimenta a solidão e a inadaptação, características atribuídas à condição de estrangeira, segundo Edward Said (2003). A personagem se muda por vontade própria e por isso deve ser considerada “expatriada”. Apesar de não sofrer as rígidas interdições do exilado, como por exemplo voltar ao país de origem, vivencia o sentimento de deslocamento provocado pelo não-pertencimento à nova cultura. A paisagem do local ratifica o sentimento; a cidade descreve-se pela frieza, solidão e distanciamento, impossibilitando a adaptação. Cabe ressaltar também que a inadaptação apresenta outro fator: o casamento abusivo. Com Antônio, ela se torna submissa e não se reconhece mais, sentindo-se presa e infeliz por conta do lugar e do relacionamento:

Depois, quando se mudaram para a Inglaterra, uma cidadezinha perdida no mapa, e Nina ali, sem ninguém, apenas um curso de inglês duas vezes na semana, foi como se naquele lugar, longe das famílias e dos amigos, cada um enfim assumisse o papel que lhe fora destinado na relação. Nina em casa, Nina as tarefas de casa, Antônio, o trabalho e as tarefas do trabalho. Antônio não gostava que ela saísse sem ele, e não queria que ela trabalhasse (...). E implicava também com qualquer gasto que ela fizesse (...). E Nina que nunca se imaginara aceitando algo assim, ela que

<sup>5</sup> Ao contar sobre a infância da protagonista, o narrador relata que ela e o pai iam nos fins de semana à praia para praticar exercício físico. A atividade não obtinha tanto sucesso porque “Nina se distraía a cada dois passos, conchas, restos de algas, tatuís. Os tatuís eram arrastados para fora de seus esconderijos pelas ondas (...) alguns com seu interior exposto, a luta para retomar a posição inicial, era da natureza dos tatuís, desapareciam na areia deixando um rastro de quem apesar de submerso continua a respirar” (SAAVEDRA, 2014, p.23). Com o desvelar da narrativa, observa-se a semelhança da personagem com o molusco: o mar arrasta o animal enquanto ela é arrastada pelas situações, e além disso, tal qual o tatuí, Nina desaparece da vida do narrador, deixando os diários como rastros de sua existência.



havia sido tão diferente em sua vida anterior, foi aceitando, talvez o lugar, o frio, os dias nublados, talvez a distância, a solidão. Olhava-se no espelho e não se reconhecia (SAAVEDRA, 2014, p.54-55).

Nesse contexto, a inadaptação ao país se vincula à submissão da personagem. A hostilidade do lugar está relacionada ao casamento abusivo, tanto que, mesmo depois da separação, ela não vive por muito tempo na Inglaterra, retornando ao Brasil. Assim, a frieza e a solidão não dizem respeito somente ao deslocamento proveniente da nova cultura, mas principalmente, à relação com Antônio. Por ser expatriada, a protagonista não enfrenta as restrições do exílio, mas precisa lidar com as imposições do patriarcado<sup>6</sup>.

O fato de Nina não se reconhecer mais remete novamente às considerações de Hall: por estar sempre em desenvolvimento, a identidade varia de acordo com o momento vivido. Por esse motivo, não é fixa nem estática; depende da relação e da experiência com o exterior, sendo, portanto:

um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduo, mas de *uma falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir do *nosso exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a ‘identidade’ e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (HALL, 2011, p.39, grifos do autor).

Ao reaver os diários com o narrador, Nina parece acreditar ter as respostas que tanto procura; é como se os escritos pudessem fornecer a completa compreensão íntima, o que, ao considerarmos o teórico, mostra-se impossível. Logo, tal busca pelo entendimento próprio será contínua.

Apesar de *O inventário das coisas ausentes* ir ao encontro das proposições de Hall, no romance há uma discordância. Para o sociólogo, a constituição identitária começa no nascimento do indivíduo e culmina na morte, porém, na prosa, a alteridade não se constrói somente a partir das experiências subjetivas de Nina: a história da família também reverbera em sua vida. Por conta disso, a possibilidade de entendimento próprio passa pelo

<sup>6</sup> Considero aqui as reflexões de Bell Hooks (2018): o patriarcado ou o sexismo é a institucionalização das diversas formas de dominação na sociedade. O romance de Saavedra explicita bem a questão, já que a protagonista sofre com o cerceamento do marido. Ainda em Hooks se pode encontrar o motivo: “Homens, como um grupo, são quem mais se beneficiaram e se beneficiam do patriarcado, do pressuposto que são superiores às mulheres e deveriam nos controlar (...). Em troca de todas as delícias que os homens recebem do patriarcado, é exigido que dominem as mulheres, que nos explorem e oprimam, fazendo uso de violência, se precisarem, para manterem o patriarcado intacto” (HOOKS, 2018).



conhecimento do passado familiar, configurando-se como uma “narrativa de filiação”. Baseando-se em Dominique Viart, Eurídice Figueiredo sustenta que esse tipo de romance:

(...) desloca a investigação da interioridade em favor da anterioridade, ou seja, o narrador faz uma prospecção da sua genealogia (ou de seus personagens) porque o conhecimento de si passa pela compreensão da vida do pai, da mãe ou dos avós (...); não é linear, procura recolher os fragmentos de uma herança e, para isso, precisa fazer uma busca, porquanto o narrador não conhece, senão de modo lacunar, aquilo que foi vivenciado pelos pais e avós. Em última instância, como a identidade se constrói através do outro, é preciso fazer reviver esse outro do passado (2016, p.82).

A explicação de Figueiredo remete à frase de abertura deste artigo: o entendimento de si passa pelo conhecimento do outro. No caso de Nina, é possível saber mais a respeito da personagem quando se conhece a sua relação com o narrador e a história da família. Desse modo, mesmo não havendo a exposição da intimidade nos diários, a escrita pode viabilizar a compreensão.

Ademais, a partir de Figueiredo, *O inventário das coisas ausentes* se caracteriza como narrativa de filiação por não ser diacrônica: o passado dos ancestrais atravessa a história da protagonista. Sua vida é entrecortada por pequenos trechos do pretérito familiar que abordam o relacionamento entre pais e filhos e evidenciam o extravio de “algo”, inominável e irrecuperável, ao longo das gerações, o que reforça a classificação de Viart. De acordo com Zilá Bernd, em *A persistência da memória* (2018), os romances de filiação buscam a possibilidade “de encontrarem na família aquilo que acreditam ter se perdido ou que lhes foi ocultado” (p.65). Embora a protagonista e o leitor não saibam ao certo o que seria esse “algo”, a tentativa de resgatar as histórias dos antepassados descortina a existência de um ruído na relação parental, iniciado com a saída da família da Espanha. Esse algo, então, pode ser considerado uma herança.

Os diários também reiteram tal classificação do romance, pois esse tipo de prosa “articula-se a partir de vestígios (objetos da casa paterna, cartas, fotos) ou da falta (pais ausentes, transmissão imperfeita, ressentimento)” (BERND, 2018, p. 25). Sob essa perspectiva, observamos ambas as características em *O inventário das coisas ausentes*: os diários se constituem como vestígios, não somente por serem objetos, mas porque evidenciam as lacunas da história familiar, demonstrando haver a imperfeição na transmissão desse passado. Desse modo, os cadernos íntimos se configuram, simultaneamente, como herança material e imaterial para Nina. Neles, há o armazenamento físico das memórias de família,



imortalizadas mesmo diante da ação do tempo, e a evidência do extravio de algo, um ruído herdado e perpassado pelas gerações.

Para Bernd, a presença da história familiar nos diários revela o “desejo de conhecer melhor a herança deixada” (2018, p. 25) e com isso voltar ao pretérito significa o acerto de contas com as gerações anteriores. Por essa razão, quando Nina volta para o Brasil e retoma contato com o narrador a fim de recuperar os diários, demonstra querer se acertar tanto com o passado quanto com a personagem masculina.

Esse acerto de contas se relaciona à tentativa de reconstrução da trajetória familiar. No entanto, tal esforço é falho por conta das lacunas das histórias dos antepassados, ou seja, nos diários apenas se encontram vestígios de memórias, que comprometem o conhecimento desse pretérito e a compreensão de si e do presente. O narrador demonstra saber disso quando afirma desconhecer Nina; a fragmentação do passado familiar pouco diz sobre ela: “eu não sei nada sobre você, nada que signifique um espelho” (SAAVEDRA, 2014, p.64). Os diários comprovam a falha na comunicação e a impossibilidade da compreensão íntima, porém, são importantes porque permitem observar as perdas e os ruídos familiares, além da repetição de experiências, como a do trânsito cultural.

### **Viver entre culturas**

Ao se mudar para Inglaterra, Nina vive experiência similar a da avó materna. Chilena, a protagonista transita entre as culturas brasileira e inglesa, mas somente na última vivencia a solidão e o sentimento de despertencimento, diferenciando-se da parente mais velha. Esta, apesar de ter nascido em Castela, não se considerava espanhola, uma vez que a primeira memória aconteceu no mar, durante a travessia para Valparaíso:

A avó materna de Nina nasceu na Espanha. Os pais eram de Castela. A Espanha passava por uma grande recessão. Muita gente migrava para a América Latina, e a família tinha alguns parentes no Chile. Foi uma longa viagem. Segundo Nina, a avó diz que sua primeira lembrança era justamente ali, a bordo de um navio. Lembra que se sentia péssima, vomitava. Lembra também da cabine, mínima, e da comida que mal conseguia engolir. Ela dizia, é como se minha vida tivesse começado ali, num navio, atravessando o Atlântico. A primeira recordação em terra firme é de Valparaíso. Nunca vou me esquecer (SAAVEDRA, 2014, p.19).

Por desembarcar ainda criança, a avó assimilou a cultura estrangeira como se fosse a de origem. O fato se confirma quando a parente entra em conflito com uma tradição, seguida pela família em um esforço de continuar respeitando os costumes de Castela. Por ser a filha mais velha, deveria permanecer solteira para cuidar dos pais. A norma somente é descoberta



quando o rapaz por quem era apaixonada faz o pedido de namoro. Com a negativa dos genitores, ela foi obrigada a aceitar até que, anos mais tarde, descumpriu as regras:

Entretanto, na casa da avó de Nina nada havia mudado. E ela estava certa de que se os pais não haviam aceitado um rapaz espanhol, muito menos aceitariam um chileno e, ainda mais inaceitável (isso a avó também só foi saber depois), muito mais novo (...). Mas a avó sabia também que aquela provavelmente seria sua última chance. Por isso, quando Eliseo a pediu em casamento, ela que sempre fora obediente, submissa, tomou a decisão que seria o grande ato de rebeldia de sua vida, e que mudaria tudo o que estava por vir. Aceitou o pedido (SAAVEDRA, 2014, p.20-21).

Essa ruptura provocou um ruído na relação com os pais e possivelmente foi o início do extravio de “algo”, refletido nos diários. Ao contrário da norma medieval, a falha na comunicação parental é transmitida de forma natural aos descendentes e não se constitui como tradição. Esta, segundo Eric Hobsbawn (1997), configura-se como artificial porque resiste à mudança por se apegar ao pretérito, sendo “um conjunto de práticas (...) de natureza ritual ou simbólica, [que] visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente uma continuidade em relação ao passado” (p.9). Nesse viés, os bisavôs de Nina continuam seguindo as normas de Castela, esforçando-se para continuar cumprindo as regras impostas pela tradição e com isso demonstram que, para eles, identidade se define pelo local de nascimento, conforme preconizava o conceito iluminista.

Além do mais, o fato de viverem em um bairro de espanhóis mostra a tentativa de não pertencer ou se adaptar à cultura local para não perder os laços que os ligam à cidade espanhola. Pode-se interpretar o ato como forma de proteção, já que ali haveria resistência à mudança: por serem imigrantes ou descendentes, as tradições e os costumes continuariam sendo seguidos, preservando o passado e a relação com a Espanha. Ao considerarmos Julia Kristeva (1994), temos a explicação: para o estrangeiro, criar raízes, adaptando-se, equivale a trair o país de origem. Por essa razão os antepassados da protagonista se empenham para viver como se ainda estivessem no continente europeu.

Entretanto, a avó de Nina aparenta não se esforçar por não ter memórias na Espanha. Ela somente conhece a cultura chilena e considera o país o ponto de referência; em relação à Europa há o deslocamento e o distanciamento afetivo os quais, décadas mais tarde, a neta vivencia ao se mudar para a Inglaterra. Assim, quando retorna ao continente de origem da família, Nina não se sente pertencente a ele, experimentando a angústia característica do estrangeiro.



O acesso à história familiar permite observar não existir esse sentimento nos outros parentes. Embora muitos deles tenham conhecido outras culturas, somente ao viver na Europa se tem a solidão. No desvelar do romance não se percebe a existência desse sentimento no Brasil; a personagem feminina parece estar bem adaptada ao país, mesmo que o sotaque denuncie de imediato o seu não pertencimento, conforme observa o narrador ao contar sobre o momento em que eles se conheceram: “posso me sentar aqui?, ela perguntou, e imediatamente me chamou a atenção o leve sotaque, talvez argentino, espanhol (...) falava bem o português, mas percebia-se que era estrangeira, depois soube que era do Chile” (SAAVEDRA, 2014, p.12-13). Como explicação, talvez, tem-se a proximidade entre os países, as culturas e até mesmo a similaridade das línguas, o que não ocorre na Inglaterra.

Como já vimos, Nina descreve o lugar pela frieza do clima e de receptividade dos habitantes. A personagem faz uma comparação implícita com alguma cultura, mas não sabemos se é a brasileira, a chilena ou até mesmo as duas. A fala evidencia o olhar contraporístico, mencionado por Said em *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2003). A condição de estrangeiro desenvolve a visão comparativa, isto é, por ter acesso à outra cultura, o imigrante realiza comparações com o país de origem ou afetivo e geralmente esse local se vincula à segurança, uma vez que há a sensação de pertencimento. O estrangeiro sempre será lembrado de sua condição, pois algo sempre denunciará que não pertence ao lugar. Dessa maneira, a experiência do trânsito cultural provoca mudanças no indivíduo; ele jamais será o mesmo e por conta disso o exílio<sup>7</sup> se define como “uma fratura incurável entre o ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar” (SAID, 2003, p.46).

No pai de Nina também se observam mudanças provenientes do deslocamento. Criado em uma família religiosa e conservadora, ele se transformou ao se mudar de Chillán para Valparaíso. Antes considerado um bom rapaz, rebelou-se após o primeiro ano da faculdade, discordando totalmente das convicções dos genitores:

O ambiente universitário, colegas, professores, chocava-se a todo instante com o mundo que deixara para trás, a família. Diz a avó, foi ali que afastaram seu filho da religião. E o pai de Nina, que até então fora um rapaz cordato, tornou-se um jovem rebelde. Para os avós certamente não havia maior rebeldia que a perda dos valores da religião, ou seja, de um dia para o outro, acontecera o pior, de um dia para o outro, tinham um filho ateu (SAAVEDRA, 2014, p.52).

<sup>7</sup> Em seu ensaio, Said diferencia expatriado de exilado, mas os aproxima quando sustenta que ambos podem sentir o deslocamento de modo similar, sentindo-se solitários e alienados.



Apesar de não ter se mudado para outro país, é inegável que o deslocamento provocou mudanças; o novo lugar entrou em conflito com os costumes com os quais fora criado. O avô paterno de Nina também se transformou ao se deslocar: ao ser diagnosticado com uma doença desconhecida e incurável, recuperou-se em trânsito, em uma tribo indígena na Amazônia. À cura, ele atribuiu “talvez os ares da floresta (...) o clima tropical” (SAAVEDRA, 2014, p.42). O parente, à semelhança de Nina, busca no país brasileiro a recuperação.

### Considerações finais

As trajetórias da personagem feminina e da família viabilizam o entendimento da identidade como construção a partir das experiências subjetivas e da ancestralidade. À diferença de Hall (2011), a alteridade não compreende somente a vida do indivíduo, sofrendo também a influência do passado familiar. Recuperá-lo significa observar as repetições de experiências modificadoras ao longo das gerações, como a do trânsito cultural, e entender um pouco mais sobre si, já que, como a protagonista afirma, o conhecimento de si passa pelo entendimento do outro.

No entanto, essa compreensão não pode ser completa tanto por conta das lacunas das histórias dos antepassados quanto pelo fato de a identidade ser um processo inacabado, ratificando a afirmativa de Klinger (2013) sobre as narrativas de Saavedra: elas evidenciam a falha na comunicação. Em *O inventário das coisas ausentes* os diários são importantes não por exporem a intimidade de Nina - distinguindo-se das funções atribuídas por Blanchot (2003) e Lejeune (2014) -, mas por revelarem os ruídos na relação entre pais e filhos e entre escritor e leitor. A escrita íntima, portanto, desvela as contradições e as tensões da identidade.

### REFERÊNCIAS

BERND, Zilá. *A persistência da memória*. Porto Alegre: BesouroBox, 2018.

BLANCHOT, Maurice. “O diário íntimo e a narrativa”. In: \_\_\_\_\_. *O livro por vir*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.270-278.

FIGUEIREDO, Eurídice. “A narrativa de filiação de escritores judeus brasileiros”. In: CHIARELLI, Stefania; OLIVEIRA NETO, Godofredo (orgs). *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira*. 1ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016, p.81-94.



HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. 1ª reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOBBSAWN, Eric. "Introdução: A invenção das tradições". In: \_\_\_\_; RANGER, Terrence (orgs). *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cadim Cavalcante. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997, p.9-23.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução de Ana Luiza Libânio. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. E-book.

KLINGER, Diana Irene. "Carola Saavedra: da (im)possibilidade de alcançar o outro. In: CHIARELLI, Stefania; DEALTRY, Giovanna; VIDAL, Paloma (orgs). *O futuro pelo retrovisor: inquietudes da literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013, p.70-80.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEJEUNE, Phillipe. "Um diário todo seu". In: \_\_\_\_\_. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Editora UFMG, 2014, p.298-309.

SAAVEDRA, Carola. *Toda terça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Flores Azuis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *Paisagem com dromedário*. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

\_\_\_\_\_. *O inventário das coisas ausentes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

